

Impunidade e violência são reveladas no julgamento em Xapuri

por José Casado
de Xapuri

Os brasileiros começam esta semana sob o impacto da revelação de uma face do seu País, até então desconhecida para a maioria: o império da barbárie em cerca de metade do território nacional — a Amazônia.

O julgamento dos suspeitos do assassinato do líder seringueiro, Francisco (Chico) Mendes, previsto para terminar no final de semana, em Xapuri, a 185 quilômetros de Rio Branco, capital do Acre, tornou possível a exibição ao mundo dos detalhes do cotidiano de violência e impunidade em que vivem os habitantes da Amazônia brasileira.

Aos olhos do mundo, com audiência garantida em redes de televisão dos cinco continentes e até com gravações de funcionários de embaixadas na sala do Fórum da pequena Xapuri, o Brasil viu-se no banco dos réus, julgado e condenado, antes mesmo de iniciada a sessão do júri de Darcy Alves da Silva, 54 anos, Darcy Alves Pereira, 23, e Jaider Pereira, conhecido como "Mineirinho", que está foragido — os três suspeitos de planejamento e execução da tocaia contra Chico Mendes.

Raras vezes, a imagem externa do País esteve exposta de maneira tão crua, com tantos detalhes. O cenário básico, apesar da selva e da baixa densidade demográfica em comparação com a outra metade do Brasil (a média amazônica é de 1,65 habitante por quilômetro quadrado, segundo o censo de 1980, não é muito distinto do resto do País: os problemas, na raiz, são a concentração excessiva do capital, da renda, da propriedade e da produção. Pelo menos, foi o que ficou demonstrado através do julgamento de Xapuri.

— Você sabia, há tempos, que eles estavam à procura de Chico Mendes para matá-lo? — perguntou o juiz.

— Genésio Ferreira da Silva, um garoto de 15 anos, criado na fazenda Alves, não vacilou na resposta:

— Sabia há muito tempo. Eles sempre conversavam na varanda sobre quando ia matar ele, em tal dia fazer uma tocaia...

— Quem chegou (na noite de 22 de dezembro de 1988) falando que ele estava morto? — prosseguiu o juiz.

— Darcy estava na varanda. Darcy chegou correndo e disse: "O homem está morto".

— Disseram algo mais?

— Falaram, sim.

— O quê?

— Falaram que a vaca já estava presa no curral e que amanhã mesmo iam fazer um churrasco para festejar a morte de Chico Mendes.

Genésio, depois, contou ao juiz que ajudou um dos vaqueiros da fazenda Paraná, nos arredores de Xapuri, a "abrir a vaca" para o churrasco dos Alves e seus pistoleiros.

[Cenas de um Brasil real, oculto da maioria. Por trás deste e de outros quinze crimes de que os Alves são acusados — o primeiro data de 1957, no interior de Minas Gerais, e já está até mesmo prescrito —, esteve, sempre, o conflito pela posse da terra.

Violento, sem alfabeto, Darcy Alves, o chafe do clã, fez fortuna com a força de seu gatilho e criou uma família de psicóticos à sua semelhança — Darcy, 23 anos completos na última quinta-feira, passou a vida sendo desafiado pelo pai a "provar" sua masculinidade com uma arma na mão, e a emboscada a Chico Mendes — que ele confessou ao júri — teve esse ingrediente decisivo numa tarde de novembro de 1988, durante uma conversa a dois, na varanda da fazenda.

Darcy chegou ao Acre, em meados dos anos 70, como outros 100 mil brasileiros que, na condição de colonos, buscavam fortuna na "nova fronteira", sob estímulo do governo militar, que aos criadores de gado doava recursos, via incentivos fiscais.

Foi um dos que ficaram na maioria dos colonos da Amazônia. E, como sempre, na sua história, ficou entre os privilegiados: 60% dos colonos que vieram e ficaram na Amazônia não conseguiram a terra prometida; os que se tornaram proprietários só utilizam, na média, 10% da área conquistada.

Darcy ingressou no resgate "clube" de criadores de gado. Não avançou muito para os padrões locais: tem 3,2 mil cabeças sobre 6 mil hectares, das quais 580 cabeças estão reservadas a seus advogados de defesa,

como pagamento pelo serviço prestado.

A influência de sua fama e a força de seu gatilho — sempre acompanhado da perícia de seus filhos, alguns dos irmãos, e de pistoleiros que trazia de Minas, aos quais se referia como "mineirinhos" — acabaram redundando em importante instrumento de "solução" de conflitos agrários numa região de confronto aberto entre fazendeiros, seringueiros e índios.

Nos últimos quinze anos, os criadores de gado desmataram 6 milhões de hectares de floresta amazônica, no trecho de 185 quilômetros entre Rio Branco, a capital, e Xapuri, na fronteira sudoeste com a Bolívia.

Os seringueiros e índios viram sua sobrevivência ameaçada.

Os seringueiros, responsáveis pela colonização de grande parte da Amazônia, especialmente no Acre, além da pressão do gado, que reduz gradativamente a área a ser trabalhada, amargam os efeitos do isolamento econômico e social, que começou quando o País perdeu o posto de principal centro produtor de látex no mundo — em meados dos anos 30.

A síntese desse processo está no fato de que a Malásia, principal centro produtor, atualmente, conseguiu avançar ao limite de manter 450 seringueiras por hectares cultivado, enquanto no Brasil — mais exatamente, no Acre —, um seringueiro precisa de 500 hectares de floresta para reunir o mesmo número de árvores produtivas.

A tensão latente permanece — os dez maiores proprietários agrícolas do estado, mantêm controle sobre uma área cultivável de 33,1 mil quilômetros, algo superior à extensão da Bélgica.

Sem alternativas econômicas, e vivendo no império da barbárie, em que a violência e a impunidade têm primazia sobre a lei, os colonos sem terra, seringueiros fracassados e índios, estão ocupando as margens das maiores cidades da Amazônia. A população urbana de Rio Branco, por exemplo, cresceu 232,9% nos últimos dez anos.

Esse Brasil oculto pela selva começou a emergir, com a força de suas sangrentas cenas cotidianas, a partir do crime e do julgamento do caso Chico Mendes.

As 3 mil páginas do processo continham alguns detalhes desse "faroeste" brasileiro, em pleno final do século XX. Mas não todos.

Os da cumplicidade policial e de homens que fizeram fortuna e se tornaram influentes na política e na sociedade usando a força de gente como os Alves para proteger e defender seus interesses — geralmente subsidiados com dinheiro público — quase ficaram de fora.

Até porque, na realidade, julgavam-se suspeitos de assassinato, e apenas isso.

Mas restou o impacto da descoberta desse outro Brasil, o dos Alves.

— Você viu outros crimes na fazenda Paraná? — quis saber o juiz.

— Vi, sim, mataram dois bolivianos — respondeu o garoto Genésio, braços cruzados sobre a camisa amarela, ligeiramente trêmulo.

— Você viu essas mortes com seus olhos?

— Não, só ouvi os tiros.

Os bolivianos tinham ido à fazenda pedir água. O trânsito é comum nessa região de fronteira, onde 60 mil seringueiros brasileiros passaram a viver do outro lado, depois que o gado chegou ao Acre sob estímulo dos incentivos fiscais.

— Eles esperaram os bolivianos ir embora na estrada para Rio Branco, pegaram o carro e foram atrás. Mataram e trouxeram dois pacotes com um quilo de cocaína. Darcy contou pro pai. Darcy resolveu chamar a polícia.

— O que fez a polícia? — indagou o juiz.

— Foi lá, pegou os corpos e trouxe para aqui (Xapuri)...

Genésio, que Darcy criava na fazenda para ser um pistoleiro, com alguns de seus filhos, passou quatro horas, na sexta-feira, relatando outros crimes na fazenda Paraná. No final, a contabilidade registrava oito homicídios. Sabe-se de mais seis em Minas Gerais e no Paraná.

O último, ou 15º da lista, foi o de Chico Mendes. No sábado passado, ele completaria 46 anos. Se o Brasil dos Alves tivesse permitido...